O TRONO ELEVADO

"Vi o Senhor sentado sobre um trono alto e elevado. Acima dele, em pé, estavam serafins, que clamavam uns para os outros e diziam: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos, a sua glória enche toda a terra!" (Isaías 6, 1-3)

"Eis que o meu Servo há de prosperar, Ele se elevará, será exaltado, será posto nas alturas." (Isaías 52, 13)

"«Quando Eu for elevado da terra, atrairei todos a Mim.» Assim falava para indicar de que morte deveria morrer." (João 12, 32-33)

O trono elevado

Quando, na missa, entoamos o Santo, glorificando a Deus três vezes santo, fazemo-lo com palavras muito antigas, palavras com que o povo hebreu também glorificava a Deus desde que Isaías descreveu a sua visão do trono divino. José, Maria e o próprio Jesus cantavam "Santo, Santo, Santo" durante as suas orações, como todos os judeus piedosos. Que trono celestial seria este, rodeado de serafins? Neste trono, de uma forma misteriosa que o profeta não descreve, Deus estava "elevado". É também "elevado" que o mesmo Isaías descreve o misterioso Servo Sofredor que lhe foi dado contemplar anos mais tarde.

Poucos dias antes da sua última Páscoa judaica, Jesus anunciou que seria elevado. Elevado, como? Não teria Ele, a Palavra Incarnada, em mente esta passagem central das Escrituras, o trono elevado que Isaías vislumbrou? Não estaria Ele a dizer-nos que era o próprio Servo Sofredor? Em ambos os casos, somos tentados a imaginar que Jesus Se referia à sua Ressurreição e Ascensão. Mas João não permite que nos enganemos: *"Falava assim para indicar de que morte deveria morrer."* Pois claro! Afinal, o trono elevado que Isaías contemplou e que suscita entre os anjos de Deus a mais sublime adoração é a cruz.

Também nós, na missa, cantamos Santo, Santo, Santo, como cantaram os serafins, e no momento seguinte, caímos de joelhos diante da visão mais extraordinária que nos é dado ter deste lado da eternidade: Deus faz-Se, para nós, pão e vinho da salvação. Diante de nós, de uma forma mística, que não conseguiremos nunca abarcar, na máxima humilhação está paradoxalmente o trono elevado da cruz e o divino Rei.

A adoração da Santa Cruz

A Semana Santíssima chegou. Jesus morreu e ressuscitou para nos atrair a Si para toda a eternidade, como um íman de amor. Durante a Quaresma, procurámos rezar com o Sinal da Cruz. Agora é tempo de colocar o crucifixo num lugar elevado, bem visível, em nossa casa, e adorar o Senhor no seu trono de predileção. A cruz, para Jesus, não é sinal de derrota, de vergonha ou de ignomínia, mas de vitória, de honra e de amor.

Talvez o crucifixo que melhor descreva este mistério seja o Crucifixo de São Damião. Rezemos diante dele com os nossos filhos! Neste crucifixo, Jesus está de olhos bem abertos, numa atitude majestosa e tranquila, quase a sorrir, atraindo todos a Si num abraço eterno. Contemplando este crucifixo, não nos fixamos tanto na dor de Jesus, mas no seu amor. Este ícone parece particularmente inspirado no Evangelho de João, onde toda a crucifixão de Jesus vem descrita de forma majestosa e tranquila. O Rei dos Judeus, diz-nos João, tem por coroa, espinhos, por joias, três cravos, e por trono, a cruz. E sobre ela, reina desde já e para sempre.

O trono elevado nesta Páscoa

Vivemos tempos conturbados na Igreja e no mundo. O Senhor está crucificado na carne dos nossos irmãos mais pequeninos, e é difícil desviar o nosso olhar de tantas feridas abertas e a sangrar. Parece-nos viver num filme de terror, no meio de guerras, crimes e loucura geral, e somos tentados a desesperar.

Talvez precisemos de olhar para a cruz de outra forma então. O Jesus que São João apresenta na sua Paixão é mais parecido com o ícone de São Damião do que com o filme de Mel Gibson. Levantemos os olhos das feridas, e fixemo-los no amor majestoso, digno, tranquilo com que Cristo Se deixou elevar no trono da cruz! Se as feridas impressionantes do Senhor nos revelam a fealdade do pecado, a sua tranquilidade diante de Pilatos e durante toda a Paixão fala-nos da misteriosa vitória do amor que já está atuante, hoje também.

A nossa cruz, o nosso trono

E é assim, de forma tranquila, confiante, segura da vitória, que o Senhor nos pede que olhemos para o *tsunami* que parece querer engolir o nosso mundo, a própria Igreja, ou até a nós mesmos. Há uma beleza agreste nesta cruz, que faz cair de joelhos os serafins celestes. E o padre Pio dizia: se soubéssemos quantas graças nos são oferecidas juntamente com a cruz, nunca pediríamos a Deus para nos livrar dela!

Sempre que a vida nos presentear com uma cruz, aceitemo-la, portanto, como quem aceita um trono. O que podia ser para nós uma ocasião de ignomínia, seja, pelo mistério pascal, transformado em honra. Não procuremos a nossa defesa, não nos enredemos em justificações, não fujamos, seja o ataque sobre nós ou sobre a Igreja; antes subamos, majestosamente, ao trono da cruz com a dignidade do Crucificado, o Deus três vezes santo! E, como o Bom Ladrão, deixemo-nos atrair irresistivelmente pelo íman de amor que vem da cruz nossa vizinha, a mais próxima de nós: a do próprio Senhor.

Que a Semana Santa e a Páscoa da Ressurreição sejam, na nossa vida e das nossas famílias, o lugar de encontro com o Santo, Santo, Santo, que já vive e reina pelos séculos dos séculos! Ámen.

© Teresa Power, 1-4-23